

Sociedade
Setembro de 2007

ALFABETIZAÇÃO DIGITAL

A cada dia que passa é urgente que cada vez mais pessoas se familiarizem as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Numa sociedade marcada já por inúmeras injustiças sociais e económicas, a tecnologia poderá acentuar ainda mais um fosso para o qual a única saída passará por formação e inclusão. O novo quadro estratégico apresentado pela Comissão Europeia, «i2010: Sociedade de Informação 2010», promove uma economia digital aberta e concorrencial e coloca a tónica nas TIC enquanto factor de inclusão e de qualidade de vida. O documento de apresentação declara como essencial construir uma sociedade de informação totalmente inclusiva, baseada na utilização generalizada das TIC nos serviços públicos, nas PME e a nível doméstico. A Comissão informou ainda que irá propor uma inciativa europeia sobre info-inclusão para 2008. Em Portugal existem já algumas medidas no sentido de construir a chamada «sociedade inclusiva», que no fundo pretende, entre outros factores, que produtos e serviços TIC estejam acessíveis a toda a população, assim como dar a todos a possibilidade de aquisição de competências básicas para a sua utilização.

Desenvolver competências

Inserido num programa com varias áreas de acção surgiu há sete anos no nosso país o Diploma de Competências Básicas (DCB) em Tecnologias da Informação. Os grandes objectivos deste diploma passam por fazer dele «um instrumento de cidadania digital, que permita às pessoas, nomeadamente às pessoas com mais carências económicas e de inserção social, ter acesso a uma formação básica que lhes permita ter um instrumento que demonstre reunir os requisitos mínimos para a utilização das TIC. Outro dos objectivos tinha a ver com o tentar construir um instrumento que se viesse a configurar importante enquanto factor de enquadramento na área profissional», explica Jaime Quesado, gestor do Programa Operacional Sociedade do Conhecimento (POSC). Actualmente, e segundo informação presente no *site* da Agência para a Sociedade do Conhecimento (UMIC), encontram-se registados cerca de 800 centros de atribuição deste diploma. Este assume-se assim como um instrumento fundamental para a existência de uma cultura digital. «Desde 2000 foram já entregues cerca de 600 mil diplomas. É um trabalho importante, embora possa estar ainda longe das necessidades do país», salienta Jaime Quesado. Também com o objectivo de dotar os cidadãos desta sociedade cada vez mais digital de conhecimentos básicos em informática, surgiu há já alguns anos no nosso país a Carta Europeia de Condução Informática (ECDL). Um padrão, reconhecido internacionalmente, que garante que o seu detentor possui os conhecimentos e aptidões necessários para utilizar eficazmente as aplicações de computador empregues mais correntemente no mercado de trabalho. «Quando nos candidatamos a um emprego e colocamos no CV "conhecimentos de informática na óptica do utilizador", na prática isso não quer dizer nada. E por isso em 1994, em sede do Conselho Económico e Social, em Bruxelas, os parceiros sociais reclamam junto da Comissão Europeia para arranjar este tal padrão, a tal certificação que viesse validar as competências que as pessoas têm a este nível», explica Guilherme Collares Pereira, director-geral da EDCL Portugal. Actualmente são já cerca de 250 os centros de certificação onde pode realizar os testes ECDL, entre entidades públicas e privadas. «O estado da arte da utilização informática em Portugal é francamente mau. Hoje em dia vemos computadores em todo o lado, mas estes estão a ser utilizados como uma máquina de escrever, para enviar e receber *e-mail* ou para aceder à internet. Mesmo os jovens que são muito hábeis a usar certo tipo de recursos, usam mal o Word, o Excel, etc. É necessário que a certificação a este nível assuma um carácter de obrigatoriedade», acrescenta. A certificação ECDL é composta por sete módulos sobre as principais áreas das TIC mais utilizadas no mercado de trabalho e tem um custo total de cerca de 130 euros. Existem já mais de dez mil certificações ECDL no nosso país, mas «é muito pouco. Na Grécia 3,7 por cento da população total está em processo de certificação, estando já certificadas cerca de 150 mil. Isto porque os governantes reconheceram por decreto que ninguém entra na administração pública sem duas certificações: uma em informática (em que o mínimo exigido é o ECDL) e outra em inglês. Este aspecto fez logo a diferença, porque as pessoas perceberam a importância das certificações», explica. Muitas empresas nacionais e estrangeiras pedem ECDL como requisito de candidatura. Este certificado pode ser equiparado às certificações em inglês que há muitos anos existem. Podemos andar toda a vida escolar a ter aulas de inglês, mas no final não temos nenhuma certificação. Se quisermos ir estudar ou trabalhar para o estrangeiro são-nos pedidas certificações de competência a esse nível (exemplo do Toefl e do Gmat). O ECDL surge assim fruto da dimensão e da importância que as TIC assumem no mercado dos nossos dias. (Para mais informações sobre os locais onde pode realizar os exames poderá consultar <http://www.ecdl.pt/>.)

Inclusão digital

O universo das tecnologias pode ser maravilhoso e quem está já envolvido com elas interessa-se cada vez mais, mas o fosso entre estes e os que as desconhecem vai-se acentuando. Sabendo da velocidade a que uns avançam, urge tomar medidas para não permitir que a info-exclusão progrida. Para certos estratos da população, como residentes de bairros carenciados, idosos e comunidades rurais, a importância das novas tecnologias pode não ser de imediato valorizada. É necessário um trabalho conjunto para que, ao mesmo

tempo que lhes seja facilitado o acesso, lhes seja também salientada a necessidade e a mais-valia que a sua utilização pode trazer para as suas vidas. Na Área Metropolitana de Lisboa, a Fundação Aga Khan leva a cabo um projecto de desenvolvimento comunitário urbano.



Munir Ahmad e Rita Guedes Firmino nas instalações do centro de inclusão digital da Alta de Lisboa.

Denominado de *K' Cidade*, o projecto encara desde o início as TIC como um instrumento potente e catalisador de diversos processos de desenvolvimento local. A actuar nas zonas da Alta de Lisboa, Ameixoeira e Mira Sintra, o *K' Cidade* coloca à disposição das populações destas áreas «centros de inclusão digital» abertos seis dias por semana, doze horas por dia. Estes centros cumprem um dos objectivos do projecto que é o de promover o acesso às tecnologias. Aqui qualquer pessoa pode fazer trabalhos da escola, procurar emprego, ler jornais, etc. Outro dos objectivos do projecto prende-se com a formação. Neste âmbito disponibilizam três tipos de certificação, desde uma formação em competências básicas até um programa formativo de apoio a micro-empresários. Para Munir Ahmad, responsável pela área das TIC do projecto *K' Cidade*, existem algumas dificuldades na implementação porque há barreiras que têm de ser eliminadas. «A primeira tem a ver com a mentalidade de assistencialismo a que temos assistido neste país, que faz com que

as pessoas fiquem paradas à espera que alguém as ajude. Nós temos tentado fazê-las tomar consciência de que o seu destino não está nas mãos do governo, nem da Santa Casa da Misericórdia, nem da Fundação Aga Khan, mas sim nas suas próprias mãos. Nós acreditamos nas capacidades humanas e que cada pessoa pode ser um actor-chave na criação do seu próprio destino. Uma outra dificuldade tem a ver com a educação. Os jovens e as pessoas mais idosas por vezes não percebem logo o benefício que aquela aprendizagem pode ter.»

Aprender sempre

No Centro de Inovação Comunitária da Alta de Lisboa, enquadrado no projecto *K' Cidade*, lecciona-se o curso de competências básicas em informática *Equal Skills* que, tal como a Carta Europeia de Condução Informática, tem a chancela ECDL. «O *Equal Skills* tem uma componente de formação e certificação e visa exactamente combater a info-exclusão. Dirige-se a pessoas que nunca usaram o computador e que, acompanhadas por uma pessoa a quem chamamos de facilitador, vai aprender o básico de uma forma muito interessante», clarifica Guilherme Collares Pereira. A FAMÍLIA CRISTÃ foi falar com alguns alunos de forma a saber o que pensam do curso e as dificuldades que sentiram. Rita Firmino tem 69 anos e confessa-nos que «não sabia sequer o que era um rato. Mas graças a Deus aprendi e tenho muita honra nisso. Agradeço à minha monitora que teve muita paciência para mim. Agora aprendi a fazer coisas que nunca supus com esta idade. Tenho muitas graças a dar ao projecto *K' Cidade*. Eu vejo mesmo muito mal, mas com o que passei a ver com esta formação apercebi-me de que há cegueiras que vão muito além dos nossos olhos». Com o mesmo entusiasmo encontramos também Belmira Rodrigues, de 52 anos. «Tive algumas dúvidas em vir, mas como gosto de desafios vim. Os meus filhos fartaram-se de rir, mas entretanto ficaram entusiasmados e começaram logo a ensinar-me em casa também. Não acreditavam muito que fosse aprender, mas quiseram apoiar-me. E hoje estão muito orgulhosos. Foi muito bom para aprendermos, convivermos e aconselho vivamente a todas as pessoas», explica. Em ambas as formandas é visível o orgulho que sentem por ter superado o desafio a que se propuseram. Manifestam que a formação lhes melhorou também a auto-estima, por sentirem que são capazes. Quanto às actividades que mais gostam de fazer no computador variam entre falar com a família que têm no estrangeiro, ler o jornal, enviar e receber *e-mail* e também pesquisar receitas na internet. Reforçar a participação activa dos idosos na sociedade da informação é também um dos objectivos do projecto Terceira Idade On-line (TIO), gerido pela Associação VIDA - Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo e que pode ser consultado em <http://www.projectotio.net/>. Em 1999, «o TIO foi o primeiro e continua a ser o único portal com informação para a terceira idade em Portugal», relembra Teresa Almeida Pinto, presidente da Associação VIDA. Actualmente a utilização da internet por pessoas entre os 55 e os 64 anos situa-se nos 21,2 por cento, sendo que acima dos 64 é de apenas 3,7 por cento [*ver caixa*]. «As pessoas mais velhas viveram toda a vida sem necessidade e sem a existência desses meios. Agora é essencial fazê-las perceber o que está do outro lado da internet que os pode motivar.» São importantes todas as iniciativas que, «utilizando os meios e os recursos que já existem a nível local, façam um esforço de actividades para os atrair e motivar», acrescenta. No nosso país existe pelo menos um espaço Internet por concelho, onde o acesso é gratuito e os horários alargados. Em www.espacosinternet.pt poderá procurar qual o espaço mais próximo da sua residência. Esta rede é importantíssima também para que se diminua a info-exclusão associada ao isolamento de populações em zonas geográficas mais desfavorecidas. De olhos postos neste problema nasceu o projecto Net Sobre Rodas (NSR), iniciado há cerca de dois anos por iniciativa da Agência de Desenvolvimento Regional do Entre o Douro e Vouga. Financiado pelo POSC, é uma acção itinerante dedicada à sensibilização e à mobilização das populações para as TIC. Em <http://www.netsobrerodas.blogspot.com/> pode ler-se que «são já mais de 23 mil utilizações registadas nas duas carrinhas do NSR que usufruíram dos serviços disponíveis como, por exemplo, apoio aos contribuintes no envio das Declarações Electrónicas; apoio no Concurso de Professores; Oficinas Digitais com 225 participantes até ao momento; bem como cerca de 242 formações realizadas. Foram emitidos também 670 Diplomas de Competências Básicas».

Vânia Machado

www.familiacrista.com

© copyright Família Cristã - Todos os direitos reservados

[fechar esta janela](#) | [imprimir](#)